

# A ILLUSTRAÇÃO LUSO-BRAZILEIRA.



LISBOA: — Anno. . . . . 4,5000 réis.

Numero pago á entrega. \$090

N.º 51 — VOL. II.

Sabbado 18 de Dezembro de 1858.

PROVINCIAS: — FRANCO — Anno. . . . 4\$300

Ultramar e estrangeiro (moeda forte) . . 5\$000

## Summario.

ARTIGOS: — Historia da actualidade — Galeria historica, continuação — A cidade de Braga — O imperador Hion-foung — A villa de Borba — Memorias do coração — População na Russia — Invasão dos gafanhotos na China — Confidencias femininas.  
GRAVURAS: — O senescal de Champagne — Rio e ponte de Sacavem — Brásões d'armas da cidade de Braga, Cabeça do Vidro, Bragança, e Borba.

## Historia da actualidade.

A representação dos curiosos inglezes em beneficio dos infelizes setubalenses foi muito productiva. O theatro de D. Maria estava cheio das mais respeitaveis familias inglezas aqui residentes. Na sala não cabiam mais espectadores, e grande numero de pessoas se retiraram sem obter entrada.

Tambem a direcção do theatro das Variedades vae dar um beneficio para a mesma philantropica applicação.

A camara municipal de Lisboa, que ha mais de quarenta dias pedira a sua demissão, foi finalmente demittida esta semana, e nomeada uma commissão para a substituir durante os trinta dias em que se procederá á eleição de nova.

Monsenhor Di Pietro, que por tantos annos tem aqui exercido o logar de nuncio de sua santidade, retirou-se finalmente para Roma, seguindo viagem por Hespanha e França.

Milão está fortemente agitada, e reproduzem-se agora ali as manifestações de 1848.

Em Napoles acaba de se suspender a venda dos bens dos emigrados.

Este anno começaram na Russia os frios mais cedo do que é costume, e já no principio do mez passado o Nawa estava completamente gelado.

A cidade de Mochansk, na Russia, foi destruida por um incendio. Arderam trezentas e oito casas. O fogo depois de dois dias de estrago communicou-se ás aldeas vizinhas, onde devorou mais duzentas habitações.

Outro incendio houve em S. Thiago do Chili, e ardeu o theatro, e grande numero de casas, calculando-se a perda em quatro milhões de reales.

Principiou esta semana, em a nossa camara dos deputados, a discussão da resposta ao discurso da coroa, que se espera seja muito debatida em ambas as casas do parlamento.

Parece se trata de substituir o senhor Couceiro na pasta da guerra; mas por ora não se indica quem entrará para este ministerio.

O ultimo balanço dado n'este mez ao banco

de França, apresentou um augmento de vinte e oito milhões de francos em numerario.

O rei de Napoles, que desde o attestado contra a sua pessoa nunca saia sem infindas precauções, tem ultimamente diminuido estas, e sae agora a pé, e sem escolta.

No porto chinês de Swallow houve no mez passado uma tempestade tão forte, que destruiu todos os navios que lá estavam. Só os inglezes perderam cinco.

Attribue-se á França e Inglaterra o projecto de erigir com a ilha de Cuba e Porto Rico uma monarchia semi-independente.

Diz-se que o grã-duque Constantino da Russia vem a Hespanha.

Os christãos da Servia, que cada vez se acham mais avexados, imploram a protecção da Europa.

No mez de Outubro passado extrahiu-se das minas de carvão de pedra em Inglaterra, para o commercio interior, 698311 toneladas.

— A celebre Lola Montes acha-se actualmente em Dublin, onde vae dar algumas representações.

— Tonkin insurreccionou-se, e o vice-rei foi obrigado a fugir.

## Galeria historica.

### Continuação.

#### O SENESCAL DE CHAMPAGNE.

Este cavalleiro distinguio-se tanto pela espada como pela penna. Com a primeira assignalou-se na cruzada de 1249, em que o rei Luiz IX o honrou com a sua amizade; com a segunda distinguio-se escrevendo, a pedido da rainha Joanna de Navarra, a historia d'esse santo rei, modelo de coragem e de virtudes. A lingua franceza adquiriu n'essa obra o primeiro triumpho, vendo-se como por encanto expurgada de milhares de palavras viciadas com que a ignorancia a tinha até então transtornado.

Este escripto, — a Vida do glorioso martyr da religião, — era destinado á educação litteraria e cavalleiresca do rei de França, bisneto de Luiz IX.

Antes de Joinville, a historia da terceira cruzada não era senão a historia dos melhores feitos militares, e passava pelo alto a respeito dos caracteres especiaes da acção: Joinville, pelo contrario, marcando apenas as datas d'essas heroicas batalhas, desce á analyse dos caracteres, e de tal modo os descreve, que cada uma das suas paginas é, por assim dizer, um quadro vivo, em que se nos afigura ver de perto esses homens extraordinarios, em relação á sua epoca.

Ha na historia de Luiz IX, escripta por Joinville, alguns trechos que desenhão simultaneamente o caracter de ambos. — Que coisa é Deus? perguntou um dia o rei santo ao senescal — É uma coisa tão boa, senhor, que não ha outra melhor! respondeu o cavalleiro. D'outra vez perguntou-lhe: Cavalleiro, qual querias tu, livrar-te de um ataque de lepra ou commetter um peccado capital? — Antes trinta peccados do que um ataque de lepra! ao que o rei o admoestou expondo-lhe que o peccado era a lepra da alma, e que mais valia tel-a sã e o corpo enfermo. Sobre muitas mais perguntas do rei e outras tantas respostas do cavalleiro, estas, que citamos, mostram com evidencia tanto o espirito profundamente religioso do primeiro, como o caracter simples e franco do segundo.

A respeito da renovação da promessa que Luiz IX fizera de voltar á Terra Santa, diz Joinville: «in-



O Senescal de Champagne.

abalável na sua sobre humana disposição de espirito, o rei não ouviu as lagrimas da esposa, nem a supplica dos filhos; mas só a voz de Deus que pelo clamor dos desgraçados o estava chamando.»

E na verdade, era necessario ter sobre humana disposição de espirito—ao que parece—para ir empenhar-se em novos perigos e fadigas sobre os que já da doença e debilidade natural o affligiam. Em vão Branca de Castella, e os principes de sangue se oppozeram, com quantas lagrimas e sabios conselhos podem em espirito de homem acordar: o rei não desanimou do seu proposito.

Foi n'esta occasião que Joinville partiu para a Terra Santa. Hypothecou a maior parte das suas propriedades; preparou o espirito em diversas peregrinações; e decidiu-se finalmente a ir procurar no Oriente a gloria que sua alma devia gosar na vida eterna ao lado dos martyres da religião.

Joinville principiara a sua carreira militar e litteraria ao serviço do conde Theobaldo de Champagne, o principal trovador francez do seculo xiii. Foi no posto de senescal de Champagne que o nosso heroe partiu para a Terra Santa.

Ao desembarcar em Africa quiz a sorte que lhe tocasse a ardua empresa de defender a construcção das fortificações de madeira para o acampamento do rei e do exercito. Joinville, com os seus guerreiros, de joelho em terra, e a lança em riste, sustentou com valentia as reiteradas cargas da cavallaria arabe, cobrindo o desembarque das forças christãs.

O segundo exemplo que deu de coragem e pericia militar, foi na louca expedição do conde de Artois, de que já fizemos menção: vendo as forças do commando do conde em completa desordem, retalhadas e acoissadas pela cavallaria turca; e calculando o perigo que correria o rei se esta cavallaria transpuzesse a ponte, elle só, sem elmo e já com o escudo quebrado, tomou a entrada da ponte, e ali fez frente a um corpo de quatrocentos cavalleiros, que a dois e dois se apresentavam combatendo entre os pilares do arco; até que, exaustos de forças, caiu quando já não tinha inimigos para retalhar.

Todo o exercito christão celebrou este feito do nobre senescal, e Luiz ix honrou-o com a sua amizade.

Parece que a fortuna é como as mulheres: accria e accumula de graças o que vai em bom caminho, e esquece muitas vezes o misero que a procura sem descansar, lutando com a miseria.

Desde esse momento Joinville viu florescer a sorte: cada dia lhe trazia novas provas do favor do rei e da estima e consideração dos seus esforços companheiros.

Não era entretanto o esforço de todos, que podia sustentar a posição do exercito nos plainos inhospitos de um paiz inimigo, sob os insultos da epidemia que principiava então. Era preciso pensar na retirada. As posições alcançadas hoje, tinham de ser perdidas amanhã; o damno não consistia só n'essa perda, mas tambem na falta de forças e na ameaça que o futuro já de longe parecia fazer á segurança do rei.

Joinville cobriu, com denodo, muitas retiradas do exercito, portando-se de modo que menos sacrificasse os seus guerreiros, realisando habeis estratagemas, que punham os infieis em confusão: um d'elles foi, em consequencia de bem combinadas manobras, fazel-os acreditar que de noite os iria atacar n'um ponto determinado, sobre o qual chamou tambem a attenção de um formidavel corpo de cavallaria turca; resultando d'isto que, á hora calculada, encontrando-se as duas phalanges do exercito inimigo, no ponto em que contavam metter entre dois fogos os christãos, caíram furiosos uma sobre a outra, dando assim tempo ao exercito dos cruzados para se aproximar das praias onde as lanchas o esperavam.

Não podendo, porém, fazer-se o embarque com a necessaria rapidez, os infieis voltaram mais raivosos do que nunca. Joinville descreve com a possivel propriedade as scenas horrorosas, em que, á claridade das tochas, os arabes, no meio de infernal algazarra, degolavam os soldados que a doença demorara pelos caminhos; e compara-os «a um bando de Jobos esfaimados que depois da peleja vinham

ao campo devorar os corpos dos infelizes combatentes.»

Entretanto chegaram mais navios, e o embarque pôde effectuar-se; mas em breve uma esquadrilla inimiga veio augmentar a desgraça dos christãos, atacando com impeto esses vasos tão carregados de gente que mal podiam manobrar.

A embarcação em que ia Joinville soffreu a abordagem de outra, depois de duas horas de combate, em que o costado ficou todo crivado de frechas. Os cavalleiros christãos viram de perto a sorte que os ameaçava. Joinville bateu-se até que as armas se lhe partiram: vendo-se desarmado, corre para a pópa, e pondo um joelho em terra, exclama para um joven sarraceno que levantava o alfanje: «Fere! assim morreu Santa Agueda.»

A verdadeira resignação com que Joinville pronunciou estas palavras influuiu de tal modo no espirito do sarraceno, que lhe desarmou o braço.

A historia, hoje menos dada ao maravilhoso do que n'aquellas epocas, difficilmente admite o que não tem explicação adquada ao andamento regular das coisas. O amor do dinheiro influuiu mais no coração de um sarraceno do que a sede do sangue, ou a impressão das nossas coisas sagradas. O sarraceno aprisionou Joinville, e taxou-lhe trinta mil libras de resgate.

No cerco de Cezearea, Joinville, á frente de cincoenta lanças, compoz a guarda de honra do rei, e deu novas provas de valor, até que, pela morte da rainha Branca de Castella, decidindo-se Luiz ix a voltar a França, o heroe tambem depoz as armas para ter o prazer de ir contemplar as suas bellas propriedades da Provença.

Ao ver as torres do seu castello, quasi em ruinas, disse o cavalleiro, descobrindo-se: «Esperavam-me para me sepultarem.»

Palavras que provam o espirito singelo e nobre de que era dotado, e que presidiu á composição d'essa historia, que enriqueceu a litteratura franceza, e formou o coração de um joven monarcha.

Em 1267, Joinville recusou tomar parte na segunda cruzada de Luiz ix sob pretexto de—«ter não menos religioso empenho contra a miseria d'aquelles que Deus confiara á sua guarda» e o guerreiro dedicou então os seus dias á felicidade dos seus vassallos e ao culto das letras patrias.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

#### A cidade de Braga.

Capital da provincia do Minho, sede do arcebispo primaz das Hespanhas, córte dos reis suevos, florecente municipio dos romanos, a cidade de Braga é uma das mais antigas e mais illustres povoações de Portugal, e de toda a peninsula hespanica.

Attribue-se a sua fundação aos gallos celtas duzentos e noventa e seis annos antes do nascimento de Christo. Estes primeiros povoadores vieram ao diante a denominarem-se *bracaros*, dizem que por causa de uma especie de calças curtas de que usavam, chamadas *bracas*, e parece que d'aqui se derivou o nome de *Bracara* para a sua cidade, depois corrupto em Braga.

Não se passou muito tempo, que as legiões romanas avassallem a peninsula, e por conseguinte a nascente povoação dos bracaros. Em breve medrou e cresceu a cidade pelo poderoso influxo d'essa civilização, que partindo de Roma, estendeu os raios de sua brilhante luz até ás mais longinquas regiões do mundo conhecido. Em honra do imperador Augusto se lhe deu o nome de *Bracara Augusta*; e em attenção ao seu desenvolvimento e importancia o governo romano estabeleceu n'ella uma das tres chancellarias, que houve na Lusitania, chamadas conventos juridicos, que eram tribunaes de justiça.

Varios restos de edificios, de que ao presente custam a descobrir os vestigios, cippos, e outros padrões, ainda hoje attestam a grandezza a que chegou durante os quinhentos annos, que durou esta dominação civilisadora.

Quando os povos do norte destruíram o imperio romano, e se apossaram das suas conquistas, vieram os suevos estabelecer-se n'esta parte da Lusitania, fazendo de Braga a sua capital. Passa-

dos mais de cento e setenta annos, foram os suevos vencidos e expulsos pelos godos, e estes o foram a seu turno pelos arabes no fim de um dominio de cento e vinte e sete annos.

Em todo este longo periodo couberam á cidade de Braga a honra e gloria de lhe ser prégada e ensinada a lei evangelica pelo apóstolo Santiago, que lhe deixou por arcebispo a S. Pedro de Rates; de ser a primeira sede archiepiscopal das Hespanhas; de ter por prelados a muitos santos, e de se celebrarem no seu recinto varios concilios importantes.

Na longa e renhida lucta, que se travou entre os moiros, conquistadores da peninsula, e os principes descendentes dos godos, que, tendo fundado pelo seu valor o pequeno reino de Leão, o foram estendendo até asoberbar e vencer de todo o poder mauritano; n'essas guerras terriveis teve Braga sorte varia, ora tomada pelos christãos, ora reconquistada pelos sarracenos.

Entrada definitivamente no dominio dos reis de Leão e Castella, foi cedida em dote por D. Afonso vi com as mais terras, que constituíam o condado de Portugal a sua filha D. Tareja, por occasião do seu casamento com o conde D. Henrique, filho do duque de Borgonha, e sobrinho de Henrique i rei de França. Desde então tem pertencido a cidade de Braga á monarchia portugueza, fundada nos campos de Ourique por D. Afonso Henriques, o illustre filho do conde D. Henrique.

A situação de Braga é das mais agradáveis e formosas, que se podem desejar para assento de uma povoação do interior. Edificada no coração da provincia do Minho, delizioso jardim de Portugal, em terreno um pouco elevado, mas perfeitamente plano; cercada de fertilissimos campos, que o rio Deste banha e corta, e de frondosos arvoredos, que ao perto dividem e guarnecem prados sempre verdes, e ao longe vestem e assombream montes, que em amphitheatro se vão elevando, e fazendo graciosa molduragem aos prados, campos, e cidade; Braga gosa desassombadamente para qualquer lado, que olhe, lindas perspectivas; ao mesmo tempo que offerece, a quem a contempla das alturas visinhas, um quadro sumamente encantador.

Não ha cidade alguma em Portugal, mesmo incluindo Lisboa, que, na proporção da sua grandezza, tenha tantas e tão vastas praças como Braga. O campo de Sant'Anna, que é a maior, tem quasi o dobro de comprimento da nossa praça de D. Pedro. Apesar d'esta immensa extensão é todo guarnecido de edificios, salvos os sitios aonde se abrem as diversas ruas, que n'elle veem desembocar. Haahi muitas casas particulares de boa apparencia; alguns conventos e templos de architectura regular, e até grandiosa, como o da extincta ordem dos congregados de S. Filipe Nery, fundado em 1689.

N'este campo se vêem os restos do antigo castello, construido por el-rei D. Diniz e reedificado por el-rei D. Fernando pelos annos de 1375, do qual ainda existem algumas torres e lanços de muros. O campo de Sant'Anna foi modernamente plantado d'arvores. Em uma das extremidades tem um bello chafariz, e na outra uma elegante columna corinthia com um globo, sustentando a cruz arcebispal.

O campo da Vinha; a praça Nova; a do paço do arcebispo; o campo das Hortas; o campo dos Toiros; o campo dos Remedios; são boas praças orladas de grandes edificios, principalmente religiosos. Na primeira avulta o sumptuoso convento do Populo, que foi dos eremitas de Santo Agostinho, e hoje é quartel do regimento de infantaria n.º 8. Fundou-o no anno de 1395 o arcebispo D. fr. Agostinho de Castro. Na capella-mór da sua vasta egreja estão em dois ricos tumulos o fundador, e D. fr. Aleixo de Menezes, arcebispo de Goa, e depois de Braga.

A segunda praça é moderna; está edificada sob um plano regular, e tem um chafariz. A terceira, á qual o palacio do arcebispo faz tres frentes, tem no centro um antigo chafariz em forma de castello, e coroado por uma estatua. Na quarta erguem-se dois bonitos monumentos. A' entrada um elegante arco triumphal todo de pedra, com muitos ornatos, construido no principio do seculo passado, no sitio aonde havia uma das antigas portas da cidade, pelo arcebispo D. José de Bragança, filho legitimado d'el-

rei D. Pedro II: e no centro uma esbelta e formosa columna corinthia, levantada sobre degraus de pedra, e coroada por um grande globo, que serve de base a uma bem lavrada cruz archiepiscopal. No topo d'esta praça está o palacio dos senhores Cunha Reis, a mais bella e esplendida residencia particular da cidade. Encerra uma copiosa livraria, e uma collecção de quadros a oleo, de autores nacionaes e estrangeiros, em que se vêem varios paineis de muito merecimento. Nos jardins d'este palacio, plantados ao gosto moderno, ha uma riquissima collecção de plantas.

O campo dos Toiros é uma bella praça orlada d'arvores e de bons edificios, e para o qual deita a fachada principal do paço do arcebispo, reconstruida pelo arcebispo D. José de Bragança no começo do seculo passado. Esta parte do paço é occupada actualmente pela repartição do governo civil.

No campo dos Remedios avultam dois dos melhores edificios de Braga, a igreja de Santa Cruz, e o templo e hospital de S. Marcos. Aquella foi obra do arcebispo D. Rodrigo da Cunha em 1635, e estes devem a sua fundação ao arcebispo D. Diogo de Sousa no primeiro quartel do seculo XVI; porém em tempos modernos foi reedificado completamente com grandeza e magnificencia. Todo o edificio é coroado de balaustradas e estatuas dos apostolos. Na igreja guarda-se em rico sepulchro de jaspe o corpo de S. João Marcos, martyr, bispo de Atina.

Continua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

O imperador Hien-foung.

Novos esclarecimentos sobre o actual imperador da China induzem-nos a escrever hoje o seguinte:

Subiu ao throno no anno de 1851, na idade de quarenta e seis annos. Succedeu a Mian-ning, ao qual se dera o sobrenome de Tao-kouang, que na lingua chinim quer dizer — esplendor da razão. Hien-foung é o setimo imperador da dynastia reinante, ou dynastia tartara manchout, cujo chefe, Tchoun-tchi, foi proclamado em 1644, e teve por filho e successor o illustre Kang-hi, um dos principes mais distinctos, e esclarecidos do seu tempo.

A familia do imperador reinante compõe-se de quatro filhos, e uma filha. O mais velho, Yih-wei, herdeiro do throno, tem hoje dezoito annos. Sua mãe morreu de parto; era muito amada de seu esposo, que lhe erigiu um magnifico mausoleo. O moço principe, segundo se diz, tem mui vasta instrucção; mas professa, como seu pae, profundo odio aos estrangeiros. O segundo filho chama-se Yih-chun. Tem quinze annos; nasceu de uma concubina china que tinha grande reputação de belleza. O terceiro, de idade de sete annos, chama-se Yih-tchou. Nasceu d'uma concubina manchou, na quinta lua de 1849. Finalmente o quarto, que se chama Yih-tsung, tambem deve o nascimento a uma concubina manchou, e nasceu no mesmo anno do precedente irmão. A filha do imperador, que passa por ser perfeita, tem agora dezeseis annos, e casou ha dois annos com um sobrinho do monarcha, o principe Ting-tsin-wang, que tem reputação de mui distincto homem de letras.

O imperador tem tres irmãos: Yung-treum, Mien-wang, e Mien-hin. Este ultimo foi degradado no precedente reinado, privado dos seus titulos e dignidades, e enviado para o extremo de uma provincia, onde vive longe da corte. A severidade de que é objecto nasce de ter sido accusado do crime de alta traição. Estava, segundo se diz, filiado nas sociedades secretas, com o intuito de se apoderar do throno. Vinte dos seus complices, que occupavam no estado altos empregos, foram cruelmente suppliciados na capital, e a vingança imperial chegou a mais de seiscentas pessoas nas provincias. Este principe, apesar d'aquelle castigo, não perdeu o seu prestigio, e suppõe-se que ainda está afiliado aos revoltosos de Nankin.

O imperador é de extrema bondade para a sua familia; mas, ou pelo receio de nova conspiração da parte dos seus, ou por qualquer outro motivo, tem-os afastados dos altos empregos civis, e só anima n'elles idéas especulativas. Todos são letrados, e relativamente mui versados nas sciencias

e artes. Tem tambem em alto grau odio aos estrangeiros; e por isso ignoram os mais simples principios da administração, não compreendendo tanto quanto uma nação pode tirar das relações commerciaes com os outros povos.

Além dos quatro ministros de gabinete, ha mais dez encarregados dos negocios das provincias, e que tem titulos mui extravagantes. Transmittem elles aos primeiros todos os documentos que interessam o governo imperial, e pode dizer-se que estes são unicamente os senhores. Com tal organização comprehender-se-ha que o imperador nada deve saber, e quando se lhe apresenta algum facto, nunca é no seu verdadeiro ponto de vista. Assim os acontecimentos de Cantão devem necessariamente ter-lhe sido mal explicados.

Isto que succede com o imperador acontece do mesmo modo com os ministros, por parte dos governadores das provincias. Estes nunca fazem conhecer em Pekin a verdade, que elles desfiguram, ou occultam; de modo que o imperador da China, confinado na sua capital, é objecto de um respeito que orça pelo terror; vive cercado de um povo que o não conhece, nem elle conhece; e finalmente é estranho aos graves acontecimentos do seu imperio.

A villa de Borba.

Na provincia do Alemtejo meia legua ao poente de Villa Viçosa, e a duas leguas de Estremoz, está assentada a villa de Borba em um valle formoso e ameno.

Pretendem alguns antiquarios, que tivera por primeiros fundadores aos gallos celtas. Nas diversas invasões, que a Lusitania padeceu, esteve por largos annos sujeita ao dominio de Roma, depois do dos godos e outros povos do norte, que, destruindo o imperio romano, avassallaram toda a peninsula hespanica, e d'estes passou aos dos arabes, que a seu turno os venceram, e desalojaram das terras conquistadas.

Correndo o anno de 1217 resgatou-a do poder dos infieis el-rei D. Afonso II, e ficou desde então parte integrante da monarchia portugueza. Arruinada e abandonada por esta occasião pelos seus moradores, o mesmo monarcha a mandou reedificar e povoar de novo. Deu-lhe foral el-rei D. Diniz, e geralmente se lhe attribue a fundação do seu castello. Todavia, uma pedra com dois malhos n'ella esculpidos, e a tradição de que junto á villa, no sitio hoje chamado os Mosteiros, existira um convento de templarios, dão algum fundamento para se suppor, que o castello foi obra d'estes, e não de el-rei D. Diniz, que talvez tansómente o reparasse.

Dizem os etymologistas, que o nome de Borba se deriva de um grande barbo, que appareceu em epoca remota em uma fonte, que está dentro do castello; e allegam para prova o brasão d'armas da villa, em que figuram dois d'aquelles peixes.

Divide-se a povoação em duas parochias; uma da invocação de Nossa Senhora do Soveral, e outra dedicada a S. Bartholomeu. A primeira, que é a matriz, é um bom templo de tres naves, sustentadas por quatorze columnas de marmore branco, sete de cada lado; e com um bello portal, tambem de columnas. Foi edificada no anno de 1401 por D. fr. Fernando Rodrigues de Sequeira, mestre da ordem militar de Aviz, á qual esta igreja pertencia.

A outra parochia é de uma só nave, e de construcção muito mais moderna. Está no seu districto o convento de Nossa Senhora das Hervas, ou das Servas, de religiosas franciscanas de Santa Clara, fundado pelos annos de 1600. Tambem tinham na mesma freguezia um collegio dos religiosos de S. Paulo, primeiro eremita, principiado em 1704.

O hospital e casa da misericórdia estão situados dentro do castello. O templo d'esta foi reedificado no começo do seculo passado. Os outros templos da villa são: a capella dos terceiros de S. Francisco, e as ermidas de Santo Antonio, e de S. Sebastião. Porém fora dos muros ha mais cinco ermidas.

O velho castello ergue-se junto das muralhas da villa para o lado do nascente. Tem no meio uma praça, para onde deita uma alta torre quadrangular, em

que se vêem uns toscos e mal distinctos caracteres, e os dois malhos esculpidos, a que acima nos referimos.

Tem Borba ruas espaçosas e boas, e a sua casa da camara é um dos melhores edificios municipaes de todo o reino. Abastecem-a de excellente agua muitas fontes dentro e fora de seus muros. Extremam-se de todas pela grandeza da fabrica, e belleza da architectura, a que o antigo senado da camara mandou fazer em 1781. Este esbelto chafariz está collocado em um espaço largo, ao sair da villa. E' todo de marmore branco, com cinco bicas, e tres tanques. Entre muitos ornatos esculpidos com perfeição avulta o busto da rainha D. Maria I, então reinante.

A abundancia d'agua d'estas fontes, de que se forma uma pequena ribeira, faz os arrabaldes mui fertis e viçosos, povoados de muitas hortas e pomares, e algumas bonitas quintas, ornadas de frondosos arvoredos. E' notavel entre estas ultimas a dos senhores condes das Galvéas. E' tambem celebrado pela sua linda floresta o extincto convento de Nossa Senhora da Consolação, que pertenceu aos religiosos capuchos, da provincia da Piedade, e que é conhecido em todo o Alemtejo pelo nome popular de—convento do Bosque. Foi fundado em 1505 pelo duque de Bragança D. Jaime. Fica a um quarto de legua da villa. E' uma estancia deliciosa pela magestade das arvores seculares, que assombream a cerca, e pela copia e frescura das aguas, que ahi correm em fontes, e levadas, ou se despenham em cascata.

Do alto de um monte, que bem merece o nome, que tem, de Boa-Vista, visinho ao convento, goza-se de um panorama admiravel. Avistam-se d'ahi as villas de Veiros, Evoramonte, Estremoz, Fronteira, Cabeço de Vide, Monforte, Villa Boim, Terremugem, Jerumenha, Villa Viçosa, e a cidade de Portalegre; e em Hespanha Olivença, Villa Real, e S. Jorge.

O concelho de Borba produz cereaes, muito azeite, algum vinho, e fructas. Nas suas montanhas ha ricas pedreiras de marmiores, principalmente branco e azul, da mais fina qualidade. De uma d'estas pedreiras foram levados para Evora, na primeira metade do seculo passado, todos os quasi todos os riquissimos marmores, de que se reconstruiu a sumptuosa capella-mór da sé d'esta cidade. Dizem autores antigos, que tambem nas mesmas montanhas existem minas de prata, e se encontram turquezas e outras pedras preciosas.

No primeiro de Novembro faz-se em Borba uma feira de tres dias, a que concorre muita gente. A população d'esta villa excede a tres mil almas.

A villa de Borba tinha voto nas antigas côrtes, tomando os seus procuradores assento no banco decimo quinto. Ha diversas opinões sobre o seu verdadeiro brasão d'armas. Querem uns, que seja um castello e ao pé uma fonte com um barbo. Outros dizem, que é um rochedo sobre agua, da qual saem dois barbos, e assim está pintado na Torre do Tombo. A opinião que achamos mais seguida é a que se conforma com a estampa junta — um escudo simplesmente com dois barbos a sair d'agua.

I. DE VILHENA BARBOSA.

Memorias do coração.

ROMANCE-HISTORIA.

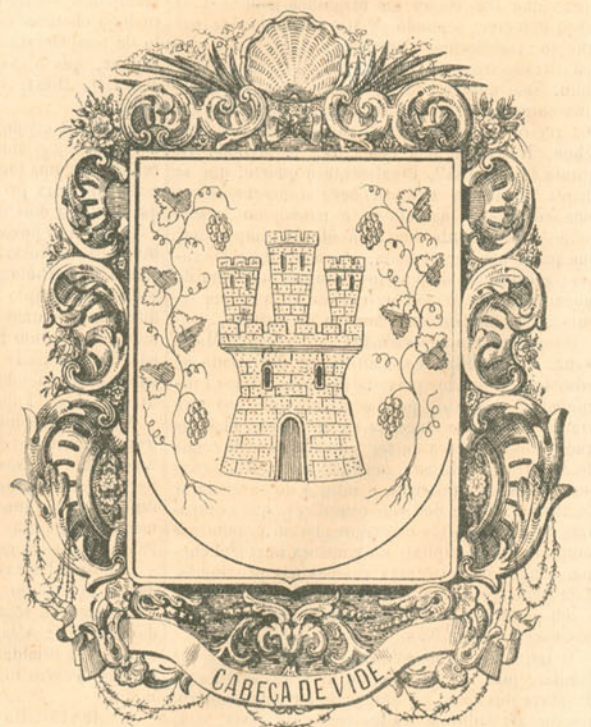
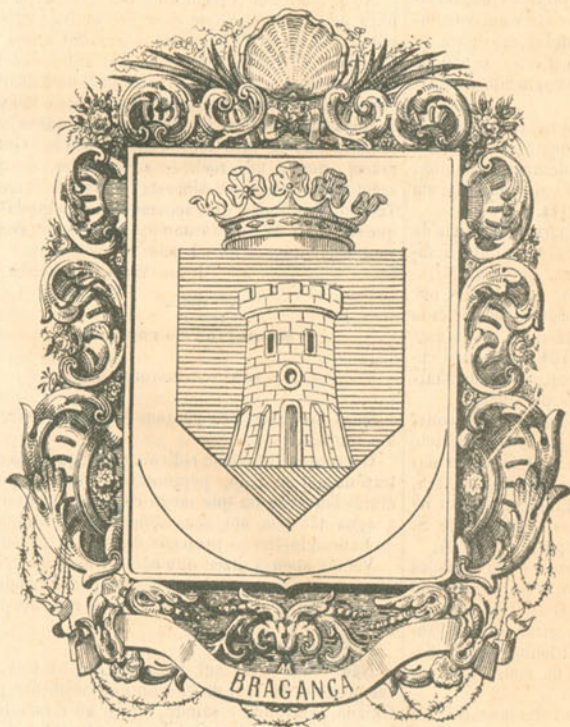
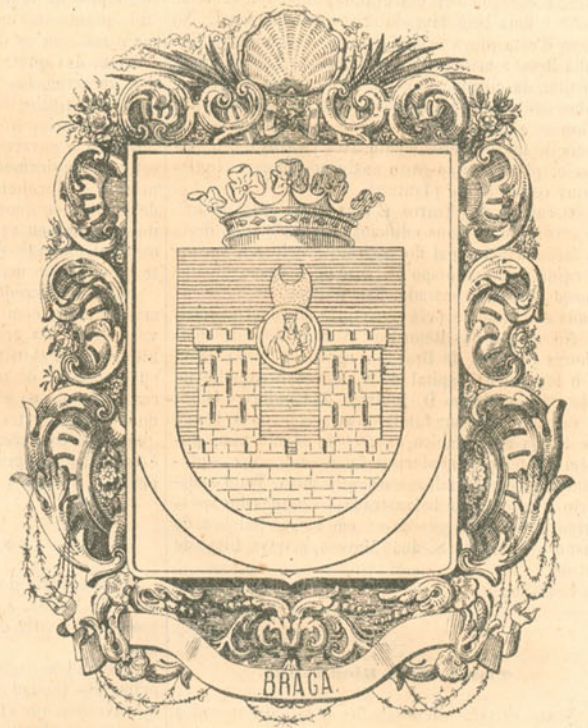
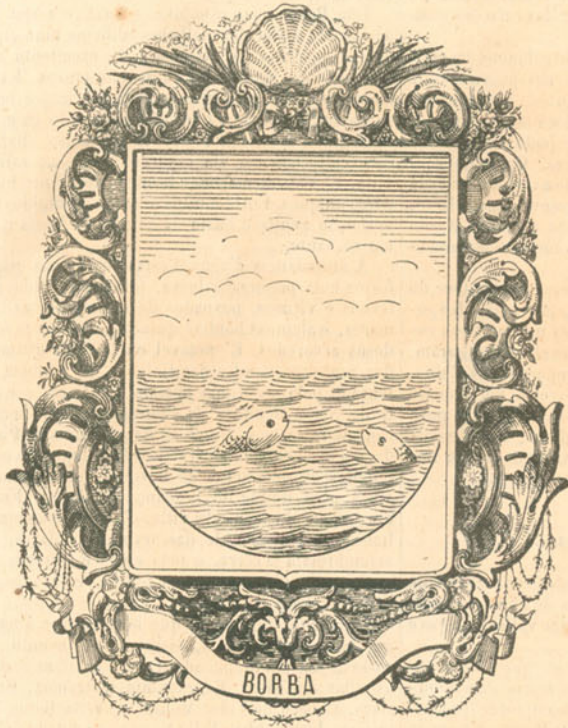
Deus nos livre que pensom que vamos escrever um prologo.

O prologo tornou-se ridiculo desde que uma corteza da antiguidade, perguntando-lhe certo poeta muito em voga de que modo conseguia conservar a agua tão fria nos seus aposentos, respondeu: — Lançando-lhe os prologos das vossas tragedias.

Vamos apenas dizer que não sendo este escripto um romance nem uma historia, mas participando de ambos, não podia deixar de ser um romance-historia.

Por exemplo:

Não vêdes a mulher elegante que ás tres horas precisas da tarde desce impreritivamente pelo Chiado, entrando e saindo, quasi ao mesmtempo em todas as lojas onde ha sedas fitas e flores para admirar; semelhante ás lindas borbole-





Rio e ponte de Sacavem.

tas d'azas matizadas que, voando de flor em flor, vão de todas levando um perfume, ao percorrerem ligeiras a viela d'um jardim?

Guiámo-nos por ella na composição d'esta pequenissima obra.

A obra deriva do facto que é a idéa, assim como aquelle bello conjunto de seda, de fitas, de rendas e de flores que vai com elegancia movendo-se diante de nós, deriva da mulher, que é o facto. Ora a idéa é como a mulher: — feia, pretende adquirir o enlévo nas pompas das *illusões* com que se reveste e reprega; — bonita, deseja com ellas augmentar o prestigio da sua belleza.

Existindo pois o facto na idéa, e o romance na forma, tomamos a liberdade de chamar a este escripto um *romance-historia*; em que pese — bem nos importa! — aos inimigos das innovações.

Encontramos na mulher a idéa do *romance-historia*, assim como qualquer poeta acharia n'ella a da comedia-drama.

E que muito é que tenhamos descoberto um mixto singular de verdades e d'illusões, onde constantemente estamos vendo dois bellos olhos que choram sobre uma bocca cheia de sorrisos?!

Mas não julguem, minhas leitoras, pelo titulo, que pretendemos escrever um impossivel, apesar d'este fragmento de uma carta:

«... Se o amor fosse mentira, ai de nós que nunca mais sairíamos das garras do septicismo onde tantas vezes a desgraça nos lança mesmo contra o esforço das nossas mais queridas aspirações! E quando essas aspirações tivessem de acabar debaixo do veo gelado da idade, e que a nossa cabeça coberta de cãs se visse despojada das doces illusões da esperança terrestre; por que titulo podíamos nós n'este instante tremendo, já cobertos pela sombra da morte, deixar de nos considerarmos no parallelo exacto da besta que expira abandonada pelos homens de quem fóra o ludibrio ou o orgulho?.....»

Rogamos ao nosso amigo S. que nos desculpe a publicidade que damos ás suas expressões confidenciaes.

Quando se sabe ajustar um pensamento no s bicos da penna, é perigosissimo escrever a um romancista!

Mas havemos de convir que o amor já não é, no espirito do seculo, o antigo Cupido da aljava de hercúlicas settas!

A educação, que em tudo ha prodigiosamente influido, não se esqueceu de transformar este sentimento, no espirito da mulher, no recurso poderoso de providenciar o futuro da sua existencia.

E' necessario pois convir, que o amor, sem que deixasse de ser um sentimento nobre, pode definir-se hoje — o pensamento do bem estar.

D'antes era elle quem de ordinario creava a situação; hoje é a situação que o cria.

Em duas palavras: o tyranno foi pela educação escravizado, e bem poucos momentos goza da sua primitiva liberdade. Não é assim?

Eduardo lia os ultimos periodos de uma carta.  
«... e anima-te! Aqui d'este cantinho da minha terra, lançando um olhar quasi saudoso para a vida, escuto na brisa que murmura pelos rampos do carvalho secular a voz solemne de Lamartine:

Là l'oubli perdit ta mémoire;  
Là l'envie étouffa ta gloire;  
Là ta vertu fit des ingrats...

«E responde-me dos meus a voz entoando pelas campinas alegres canções de trabalho; ou o catico suave d'um anjo velando pela creança no berço, que um sentimento ha que a inveja não perde, nem a inveja soffoca, por que em vez de ingratos só produz amigos sinceros, que não podendo já amar-nos na vida, hão de saudosos respeitar-nos na eternidade, acompanhando e ligando com os seus suffragios a nossa alma a Deus!»

Eduardo largou a carta e sorriu-se: depois cra-

von a vista extatica d'este retrato: — Rosto oval, fronte saliente e espaçosa. Faces pallidas. Olhos negros, e tanto que nunca por certo assim os viu ninguém, que pareciam despedir um olhar sublime nascido d'alma, que nos despertava não sei que difficil idéa de fabulosa felicidade! Labios breves e irregulares; mas de uma graça... de um sorriso tal, desdenhoso e altivo, que podia tomar-se pelo desafio da intelligencia lançado ao coração que primeiro houvesse, pelo olhar enganado, nutrido incasta aspiração da felicidade que promettiam! O cavallo, enfim, penteado à Stuart, servia como que de moldura d'ebano áquellas feições suavemente polidas, que apresentavam na vida o mesmo effeito de uma saudade entre as flores.

Eduardo levantou-se; accendeu com indolencia um charuto, e chegando abstractamente a chamma do phosphoro á testa do retrato, viu-o, impassivel, desaparecer!

— Oh! quem pudera apagar-me da memoria a lembrança que me fica d'aquelle olhar negro e scintilante! murmurou elle — Luiza, dissipar-me-has tu esta illusão, como a chamma devora aquelle retrato?

II

D. Luiza de Castro morava n'uma bella casa ao Campo Grande.

Se algum perguntasse ao mundo quem era D. Luiza de Castro, teria ouvido: — a desgraça de muitas mulheres; a perdição de muitos homens. Um genio do seculo, a cortezá d'Athenas e de Coryntho, insaciavel como um sorvedoiro, insensivel como uma estatua.

D. Luiza tinha trinta annos. A belleza ephemera e aerea que poisa um momento nas faces da mulher, na aurora das suas paixões, como o rocio da madrugada nas folhas coloridas da rosa, ninguém notava já no rosto de D. Luiza, menos bello por isso, porém mais interessante, pelos traços sublimes, que tão bem vão em certas physionomias de um sentimento profundo e vivo, que nos attrahe, de ordinario, insensivelmente junto d'essa mulher, como a chamma attrahe as borboletas.

Era alta e airosa. Vestia-se de preto, aproveitando para isso o pretexto da viuvez, que mais interessante a fazia no centro d'esta sociedade tão viuva de moral.

A viuvez é coisa quasi essencial á mulher interessante. Notava-se-lhe com assombro a alvura da estatua. Cremos que se Praxiteles a tivesse visto despir-se das suas roupas para entrar no banho, teria sem duvida tido sufficiente inspiração para arrancar do marmore um novo modelo d'arte, no qual, engastando olhos d'ebano, teriamos por momentos a idéa ainda que imperfeita do retrato d'essa mulher.

Ao vê-la, desejava-se apertar-lhe a mão; mas receiava-se ao mesmo tempo achal-a gelada; tanto ella era formosa e branca!

Ao notar-se-lhe a bocca sem sorrisos, e os olhos sem lume, houvera quem fizesse da morte a idéa d'uma mulher bella, em cujos braços de gelo se adormece contra um seio de marmore debaixo do seu olhar indifferente!

D. Luiza era talvez a incarnação sublime do suicidio moral, sob a mascara das conveniencias: a dor que procurava esconder-se no gelo: a solução viva d'essa grande e tremenda questão que agita desde pela manhã até á noite a sociedade inteira, e que se reduz a estas tres bem insignificantes palavras — *é preciso viver!*

O luxo tinha-se tornado essencial na vida d'essa mulher. Na sociedade, não basta a mulher; do mesmo modo que não basta á mulher a belleza nem o espirito. E' necessario o apparato luxuoso e grande, que sirva como que de cartaz, quantas vezes, ao coração que nem ellas entendem, nem os homens podem ver!

Na composição litteraria, o estilo é tudo. Diz Mendes Leal.

Na mulher, a crinoline e as valencianas são uma grande coisa: diz o mundo.

Nenhum homem de espirito ousaria caminhar ao lado de D. Luiza pela rua principal de um passeio publico; nenhum, porém, teria tentado esquivar-se a ir apertar-lhe a mão e dizer-lhe uma palavra

lisonjeira, que ella nunca ouvia, vendo-a sentada n'uma avenida mais retirada.

Os condes e os marquezes comprimentavam-na risonhos. Os barões dobravam-se pela cintura e levavam o chapeo até ao chão, lançando-lhe um olhar supplicante. Os empregados publicos encolhiam os hombros, enviavam-lhe um suspiro, e lembravam-se dos seus agiotas. Apenas um homem deixava de seguir o exemplo dos condes, dos marquezes, dos barões, e dos empregados publicos — Eduardo de Menezes, que não vindo em D. Luiza senão um recurso poderoso contra o mal que o affligia, procurava-a sempre como o doente procura o facultativo, como o moribundo o sacerdote.

Eduardo, contrariado pelas conveniencias sociaes, tinha principiado a estabelecer um systema de idéas, tendente a convencer-se de que, no meio da grande revolução moral operada no momento em que o seculo passado entregara nas mãos do presente o sceptro dos costumes, o amor tinha para sempre desapparecido do catalogo d'essas bellas coisas, que os homens haviam sonhado para adocarem o amargo da sua vida quotidiana.

Mas Eduardo não podia viver entregue ao seu coração, que parecia consumi-lo. Ia-se-lhe a vida no lidar constante das idéas que uma mulher lhe tinha inspirado. E no momento em que essa mulher, sujeita aos prejuizos estultos de uma familia que representava entre nós a mediania social, em guerra constante com os direitos, nobreza e privilegios do coração, parecia mentir ás esperanças que lhe dera; elle procurava com avidez um coração excepcional, inteiramente livre, em que não influissem, a despeito dos sentimentos, esses, que a sociedade impõe, prejuizos tão mesquinhos e banaes. Entretanto a posição de D. Luiza desgostava Eduardo. Este tinha entabulado relações com D. Luiza no primeiro dia em que lhe fallara. Quatorze annos antes da epoca d'esta nossa historia, o conde de Santa Brigida, apresentando Eduardo, que era ainda muito creança, á sua protegida, viu com prazer a impressão que parecia produzir no espirito de Luiza a presença de Eduardo; porque d'ahi podia tirar immediatamente pretexto de a abandonar; tanto elle já cansado se sentia das exigencias de uma mulher que pretendia, de simples protegida, subir á alta categoria de cortezá.

Luiza, filha de uma leiteira de Cintra, vira desde a sua infancia, com inveja, que maldosas promessas mais incendiavam, esse viver das mulheres de sociedade, tão fastoso a seus olhos, pobre creança que não conhecia do mundo senão o sorriso apparente de Cintra. N'esse tempo, o conde de Santa Brigida, ameaçado por um casamento de interesse, procurou na bocca da formosa *leiteirinha* o beijo sensual que não encontrava nos labios da devotissima consorte, mais velha quatro ou cinco annos do que elle. Promessas não faltaram que um resto de escrupulo vencessem da pobre rapariga. Apon-tou-lhe para Lisboa *luxuosa e opulenta*, e em breve Luizinha, nos braços do conde, foi por elle lançada á torrente impetuosa das paixões, que de tantos pontos vem turbulenta lançar na capital as victimas arrancadas á felicidade pacifica de uma vida retirada.

Quando, satisfeitas as primeiras aspirações, Luiza conheceu e avaliou o comportamento do conde, calculando por elle a sua verdadeira sorte, já a *leiteirinha* de Cintra tinha dado logar á mulher instruida e elegante, que principiava a sonhar com uma posição nova e independente. Viu Eduardo e amou-o. O conde abandonou-a.

Luiza retratou Manon Lescaut; mas Eduardo recusou imitar o Des Grieux.

Os escrupulos de Eduardo em vão luctaram contra as tendencias pronunciadas de Luiza. Eduardo era pobre; ella ambicionava, tinha sede de riqueza, de esplendor, de tudo quanto satizaz a vaidade de uma mulher, que do nada viera um dia ao centro das magnificencias sociaes. Luiza desligou, por assim dizer, o eu espiritual do eu material, e consagrando o primeiro á memoria de Eduardo, tanto ella sabia que este morrera para o seu coração, atirou o segundo ao capricho da sociedade. Era durante esse periodo, que Luiza refugiava no coração o pensamento ferido pelas franquezas da licença, dulcificando-o no sentimento puro e verdadeiro que parecia indemnizar-a do sacrificio de

seus dias. E quando, á custa de tal sacrificio, veiu a fortuna ostentar as pompas da seducção e augmentar-lhe o poder do prestigio, elevou-se grande; lançou do alto da sua nova posição um riso de desprezo sobre os que a tinham elevado; pairou soberba no seu novo horizonte, e foi depois abater-se aos pés de Eduardo, que por esse facto julgou elevar acima de todos os homens.

Era o coração liberto das cadeas do interesse que agora sollicitava um carinho do mesmo homem a quem outro coração, suffocado pelos prejuizos sociais, recusava um sentimento lisonjeiro.

O coração de Luiza quasi se despedaçou n'esse choque tremendo! O ciúme, que não podia incendiar uma mulher pervertida, gelou-a. Foi então que os seus labios humidos e rosados se tornaram seccos, lividos e desdenhosos: que os bellos sobrilhos, docemente arqueados por uma idéa lisonjeira, desceram a assombrar-lhe os olhos, que, não se tendo fechado ao peso da desgraça, se conservaram abertos e firmes para vomitarem desprezo.

Luiza odiou os homens. Via-os com prazer só no momento em que, desesperados, se levantavam das suas mesas de jogo maldizendo aquella noite fatal. Embragava a idéa cravando os olhos nos montes de ouro que lhes deixavam no panno verde das mesas; e apparecia-lhe vaidosa no dia seguinte com um vestido de seda novo, e um novo adereço de joias.

Era ao lado d'esta mulher que Eduardo procurava agora um sentimento verdadeiro que soubesse corresponder a seu coração. E ella fallava-lhe com insolencia, mettendo-o a ridiculo.

Eduardo sentiu-se por momentos humilhado; mas, recobrando o espirito, atrou-lhe algumas d'essas palavras picantes, que constituem argumentos a que o sangue frio da mulher não sabe nem pode resistir.

Luiza tinha-o ridicularisado a respeito da pureza d'esse amor de que elle um dia lhe fallara; e Eduardo, estranhando que Luiza tivesse direito de exigir um sentimento d'aquella ordem, pediu-lhe que lhe mostrasse em tudo quanto a rodeava desde certo tempo, um objecto qualquer que não fosse o preço da impureza do seu viver.

Esta pergunta feita pelo homem a quem ella ainda amava em silencio, foi o ultimo golpe que o destino descarregara na sua moral. Luiza, tirando do seio uma medalha, respondeu-lhe — que tivera bastante razão de lhe fazer semelhante pergunta; porque nem mesmo aquelle seu retrato, que ella tanto tempo havia considerado no sentido que Eduardo havia pedido, podia ser tomado pelo preço de um sentimento puro! E despedaçou-a.

Eduardo permaneceu por momentos immovel; depois, juntando vagarosamente os pedaços do retrato, depositou-os na mão de Luiza, e disse-lhe estas palavras:

— O que o amor offendido dispersa, a amizade reúne. Acredite-me Luiza, a amizade é o unico sentimento verdadeiro que pode durar entre dois corações.

Continua.

ALFREDO HOGAN.

**População na Russia.**

Publicou-se uma curiosa estatística sobre o crescimento da população na Russia.

De 1840 a 1854, houve na Russia quarenta milhões de nascimentos, e trinta milhões de obitos. No espaço de quinze annos cresceu, por tanto, a população dez milhões.

Contam-se presentemente na Russia sessenta milhões de almas, não entrando em conta os sete milhões da Polonia, e do grã-ducado da Finlandia.

Se este excesso apontado de 1840 a 1854 se conservar, a população subirá a setenta milhões em 1870; a noventa e cinco milhões em 1900; e a duzentos sessenta e quatro milhões no anno 2000.

Durante o anno de 1853, nasceram em S. Petersburgo dezeseis mil e noventa e duas crianças, a quarta parte das quaes não foi de legitimo matrimonio.

**Invasão de gafanhotos na China.**

Os missionarios europeus que percorrem a China, tem tido occasião de observar muitos factos geralmente ignorados; e as suas cartas contem observações curiosissimas para as sciencias naturaes. O autor de uma correspondencia datada da China, em 10 de Dezembro de 1856, e publicada nos *Précis historiques*, dá sobre os gafanhotos da China, e destroço que elles causam, interessantes noções.

Este missionario, que habitava nos suburbios de Tsin-Pu, viu chegar no começo de Setembro estes incommodos hospedes, que vinham, segundo se dizia, da provincia de Kiang-Nan.

O tal insecto, a que na India se dá o nome de *Kuang-Zong* ou *insecto amarelo*, é do comprimento de quatro a cinco centímetros, e as suas azas são de tal contextura, que para lh'as arrancar é necessario grande esforço. Teem a queixada muito dura.

Estas myriades de insectos obscureciam, voando, quasi todo o horizonte; dir-se-hia uma nuvem muito densa. Era tal a sua voracidade, que a herva dos campos, e as folhas dos bambus desappareciam como por encantamento; uma especie de canna que ha na China, que tem as folhas mui grossas e duras, tambem não era poupada por estes esfomeados, que assim mesmo destruíam mais do que comiam. O arroz, que no principio elles tinham poupado, talvez por não conhecerem a planta, foi por fim achado de seu gosto, e os arrozaes ficaram completamente estragados, porque mordida a paveia, se o arroz estava ainda verde seccava na tige, ou caia no chão, e apodrecia se já estava maduro.

A gente do campo tocava o tam-tam e o gong, passando ao redor dos campos, em todas as direcções, o idolo preservador do flagello dos gafanhotos; porém o tam-tam não fazia fugir nada, e o idolo tambem nada preservava.

Estes gafanhotos voam, segundo se diz, com a rapidez e força d'um passaro. O mais afflicto é, que quando estes importunos hospedes abandonam o paiz que saquearam, deixam vestigios de si: são os ovos que cada femea deposita em numero de trinta a quarenta em ninhos cavados na terra com admiravel destreza.

N'este caso a unica esperanza dos cultivadores está em gorem os ovos com a humidade na estacção das chuvas, ou pelo frio, ou por destroço dos outros animaes.

Eis como a femea faz o seu ninho. A natureza deu-lhe na extremidade do corpo uma especie de pinça, que applica á terra, quasi pelo espaço de meio dia, imprimindo-lhe um movimento regular. Assim vae cavando o buraco, que fica com o diametro do corpo. Para expellir a terra que vae despegando não precisa sair fora da excavação; dá ao corpo um movimento onduloso, e atira assim com a terra para fora.

**Confidencias femininas**

MARIA E ROSINHA.

Continuação.

ROSIHA

Soffres intimo desgosto,  
 Bem o vejo, não m'o negues.  
 Tens segredos para mim?  
 Vamos lá... não baixe os olhos,  
 Diga tudo á sua amiga,  
 Tão amiga, e tão discreta,  
 Temos cuidados, saudades  
 D'alguem que desejas ver?

MARIA

Eu!...

ROSIHA

Ai! córou!... Cada face  
 Tem a cór d'uma romã...  
 Ficas assim mais formosa.  
 Com que então temos galan?  
 E eu que nada suspeitava!

MARIA

Não digas nada á mamã.

ROSIHA

Afinal sempre confessa.  
 Custou bem! Adivinhei?

MARIA

Bem vês que sim. Não t'o disse  
 Esta minha turbação?

ROSIHA

E' porque foi mais sincero  
 O teu puro coração!  
 Levo a mal a creancice,  
 Egoismo melhor direi,  
 De guardares, avarenta,  
 Só para ti um segredo,  
 Que te fazia soffrer.

MARIA

Desculpa; se eu tinha medo.

ROSIHA

De que, tonta? dos meus ralhos?  
 Sei lá ralhar porventura!  
 Do que soffres tambem quero  
 A minha parte.

MARIA

Bem sei.

És terna irmã desvelada,  
 Em me vendo pesarosa  
 Logo tentas consolar-me.  
 És uma joia, és um anjo...

ROSIHA.

Anjo tambem? e mais nada?  
 Anjo... eu!... de crinoline!  
 Em vez de perder o tempo  
 Na ladainha pomposa  
 Que rezas em meu louvor,  
 Melhor fóra revelar-me  
 O teu romance de amor.  
 Que inda não sei como foi  
 Nem quando elle começou.  
 Sei apenas que és a heroína,  
 E curiosa desejava  
 Conhecer o teu heroe.  
 Vamos lá, vamos, menina,  
 Principia a tua historia.

MARIA

Ninguem nos ouve?

ROSIHA

Ninguem.

Agora espero tambem  
 Que não te falhe a memoria;  
 E para a teres mais prompta  
 Toma este beijo na testa.  
 Vamos, anda, agora conta.

MARIA

Não perdoarás primeiro  
 Uma ingrata discrição?

ROSIHA

Outro beijo é portador  
 Do meu sincero perdão.  
 Basta já de hesitações:  
 Dá começo ao teu romance,  
 Que de esperar a paciencia  
 A final talvez se canse.

MARIA

Agora vae.

ROSIHA

Deus o queira.

MARIA

Se interrompes...

ROSIHA

Deus me livre...

A curiosidade é bastante,  
 E maior a impaciencia  
 Para taes interrupções.

MARIA

Saberás, pois, minha Rosa,  
 Que um dia vi n'uma igreja...

ROSIHA

Ai! que o romance começa  
 N'uma igreja!

MARIA

Então!

ROSIHA

Adiante

O que viste?

MARIA

Um moço esvelto  
 D'olhos pregados em mim.  
 Não sei que senti ao vê-lo;  
 Mas ao fogo que senti,

Creio que posso dizel-o,  
Fiz-me da cor do carmim.  
No livro que tinha aberto,  
Com sincera devoção,  
Procurava sem achar  
As orações do costume  
Na maior perturbação.

ROSINHA

E o mancebo sempre a olhar?

MARIA

Sempre.

ROSINHA

Mas como é que o vias  
De olhos baixos sobre o livro?

MARIA

Ignoro. O que sei dizer-te  
É que se a vista fitava  
No altar, ainda assim mesmo,  
Par'cia que o divisava.  
Qu'ria orar, e não podia;  
E sempre n'elle pensando,  
Tê que por fim...

ROSINHA

Tu, Maria,  
Saiste da igreja amando.

MARIA

Quando a missa terminou,  
E terminou tão depressa!...

ROSINHA

O que assim tão bem começa  
Nunca é longo e foge breve.

MARIA

Finda a missa nós saímos...

ROSINHA

E o mancebo não ficou  
A contemplar as imagens;  
E bem de ver. — Continua.

MARIA

Junto á pia d'agua benta,  
Encontrei-o novamente...  
Por acaso, quero crer.

ROSINHA

Pois eu creio exactamente  
O contrario do que pensas.

MARIA

Se o puderas então ver,  
Conheceras a ternura  
Que filtrava aquelle olhar.

ROSINHA

Todos olham d'igual modo  
Em pretendendo agradar.

MARIA

Oh! n'aquelle... que differença,  
Ai! se o viras!...

ROSINHA

Faço idéa.

MARIA

Que elegancia de figura!  
Que sympathia de rosto!

ROSINHA

Imagino. E' mesmo um todo  
De completa perfeição.

Afinal vamos ao caso.  
Vejo quasi urdida a téa  
De uma primeira affeição.

E depois?

MARIA

Depois — não sei  
Como foi — o ramalhete,  
Que nas mãos então levava,  
Por acaso me caiu...

ROSINHA

Sempre faz coisas o acaso!...

MARIA

Foi em vão que o procurei.  
Já o julgava perdido,  
Quando vejo d'entre o povo,  
Quasi como por milagre,  
Surgir o ramo de novo...

ROSINHA

Nas mãos do nosso galan?

MARIA

Acertaste.

ROSINHA

Era de crer.  
Com respeito m'o apresenta,  
E baixando a voz me diz...

ROSINHA

Sem ouvir nada a mamã?

MARIA

Nada. «O ramo que perdido  
«Imaginava, eil-o aqui.  
«Desfeizava-lhe o matiz  
«Uma saudade agoirenta;  
«Não figura bem ahí.  
«Hoje em minha companhia  
«Vae com certeza melhor;  
«E se esp'rança me não fór,  
«Será memoria de um dia  
«Para a minha alma captiva.»

ROSINHA

Pelos modos teve tempo  
D'isso tudo segredar.

MARIA

Encantada e receiosa,  
Escutava-o semi-viva  
Sem cansar-me de o escutar.

ROSINHA

Respondeste-lhe, imprudente?

MARIA

Tomada a voz, não podia  
Fallar mesmo que eu quizera.

ROSINHA

E por fim?

MARIA

Por fim saímos,  
Não sem custo, porque a gente  
Era tanta...

ROSINHA

Que tolhera

O sair até então;  
Percebo. Mas afinal

Nunca mais o encontraste?

MARIA

Encontrei.

ROSINHA

Onde, menina?

MARIA

No baile dado nos annos  
Da nossa prima Christina.  
Fôra ali contra vontade...

ROSINHA

E achaste a compensação  
Da tua contrariedade?

MARIA

Ai! que noite! Inda não tive  
Como aquella outra igual!  
Fiz-me, ao vê-lo, de mil côres,

E fiquei tão enleada,  
Que para esconder o abalo  
Cobri o rosto co'as flores.

Sentia-me alvoroçada,  
E cá dentro uma alegria!  
E ao mesmo tempo um receio,

Que não sei como explical-o.  
Elle ao ver-me parecia  
Um grande prazer sentir.

Como o fizera na igreja,  
Pregou logo a vista em mim,

ROSINHA

E tu n'elle... é de suppor.

MARIA

Não te quero desmentir.  
Na segunda contradança...

ROSINHA

Foi tirar-te para par?

MARIA

Tal e qual. Rompeu a orchestra,  
Deu-me o braço e fui dançar.

ROSINHA

Era ensejo favoravel  
Para dizer que te amava;  
Que nunca mais te esquecerá  
Desde o dia em que te vira;  
Que eras formosa e adoravel...

MARIA

Como o soubeste?

ROSINHA

E' costume  
Que nunca podê fallar.  
Pedi-te ao menos a esp'rança  
Para allivio da paixão,  
Que tornasses em bonança  
À procella da incerteza,  
Em que tinha o coração...

MARIA

E' verdade!

ROSINHA

Olha... cautela!  
Muitos mentem, muita vez...

MARIA

Oh! aquelle com certeza  
Não mentia.

ROSINHA

Como o sabes?

MARIA

Provou-me que se lembrava...

ROSINHA

Tambem provou que te amava?

MARIA

Tambem!

ROSINHA

Devêras!

MARIA

Provou  
N'uns versos lindos que fez.

ROSINHA

Ah! faz versos! É poeta?

MARIA

E de muita inspiração.  
Reverente me pediu,  
Que lhe accceitasse a poesia,  
Que o seu muito e casto amor  
Com respeito traduzia.  
Accceitei-l'h'a. Queres vê-la?  
É lindissima.

ROSINHA

Diz lá.

Continua.

MENDES LEAL (ANTONIO).

## Aos senhores assignantes.

Este jornal vae continuar no seguinte anno, e esperamos que esse seu terceiro volume se hade publicar sob auspícios mais favoráveis. As difficuldades, que sempre costumam acompanhar e embaraçar este genero de publicações em seus primeiros tempos, teem vindo em larga escala combater, transtornar, e muitas vezes inutilisar os desejos e esforços da empresa. Com o auxilio da experiencia, da perseverancia, e da propria acção do tempo, contamos ir vencendo os obstaculos, que se teem opposto ao desinvolvimento e aperfeiçoamento d'este jornal.

O novo anno, pois, nos vae proporcionar occasião para lhe fazermos alguns melhoramentos; não tantos, e logo, como desejaramos, mas alguns, que pouco a pouco se irão succedendo, á maneira que se forem superando as difficuldades. O que desde já podemos prometter é a publicação de maior copia de artigos illustrados sobre Portugal e Brazil. Consagraremos bastante espaço nas columnas d'este semanario para tratarmos dos monumentos, povoações, paisagens, costumes, e historia, d'estes dois paizes tão separados pela natureza, e tão estreitamente unidos pelos vinculos da fraternidade, pela homogeneidade de leis, de usos, e de idioma, e emfim pela propria communidade de interesse.

Poremos todo o empenho, finalmente, em enriquecer o jornal com o maior numero possivel de estampas interessantes, e absolutamente ineditas; em varial-o para que os diversos paladares ahí achem algum alimento agradável; e em exigir dos artistas progressivos aperfeiçoamentos. Confiamos em que os nossos desejos e esforços serão devidamente avaliados, e que hão de ir tornando a *Illustração Luso-Brazileira* digna de benevolente acolhimento publico.

Os senhores assignantes que ainda não pagaram o corrente anno d'este jornal queiram ter a bondade de o mandarem satisfazer quanto antes; bem como os que quizerem continuar, mandarão renovar para não soffrerem interrupção na remessa dos numeros, porque nenhuma folha será remettida sem ter previamente sido paga a assignatura.